

ISMAEL COUTINHO POETA

Marcelo Coutinho Vargas (UFSCar)
vargasm63@gmail.com

Não tive a honra, nem tampouco o prazer, de conhecer, como gostaria, o meu ilustre avô, Ismael de Lima Coutinho, que faleceu em acidente de automóvel em 1965, quando eu mal completara dois anos de idade. Mas, hoje, já professor titulado da universidade federal de São Carlos, com volume razoável de publicações na área de Ciências Sociais e Urbanismo, e poeta bissexto maduro, com dois libretos e alguns avulsos publicados, gosto de acreditar ter recebido dele uma herança abençoada: o gosto pela leitura, pelo aprendizado de línguas estrangeiras e, sobretudo, a sedução da poesia.

Sem negar a influência paterna dos Vargas – mineiros, homens de ação e oratória, inclinados à política – no meu caráter e na minha trajetória profissional, foi mesmo dos Coutinho, através da devoção do meu avô às letras e a educação, que herdei verdadeiro amor à palavra, sua força de expressão, sua função comunicativa na promoção do conhecimento, da cultura, do humanismo e do diálogo, para além das desavenças que possa alimentar. Devoção que buscou cultivar e perpetuar nos alunos e discípulos, incluindo as próprias filhas: como minha mãe, aluna aplicada, formada em línguas neolatinas e fluente no francês, idioma que me ensinou a apreciar saborosamente; e ainda mais, minha tia Tereza Coutinho Robert, sua antiga assistente, que teve uma carreira bem sucedida como professora, atualmente aposentada, na mesma Faculdade de Letras da Universidade Federal Fluminense.

Bendita herança, que recebo de bom grado e coração aberto, do vovô Ismael: a mesma vocação de trabalhar com as palavras e ideias não somente na atividade profissional, mas também como um caminho fecundo para o amadurecimento espiritual ou pessoal, mesmo que eu tenha me voltado para outra área das ciências humanas, dedicando-me antes à política e à sociologia, naturalmente sem o mesmo brilhantismo que tanto distinguiu o pai de minha mãe na sua carreira acadêmica verdadeiramente exemplar.

E, no entanto, para além dos rigores das respectivas disciplinas, descubro com enorme satisfação e curiosidade comungar com meu ilustre antepassado outra vertente, algo misteriosa e inefável, no trato da palavra: a poesia. Inspirada e cheia de fé, tanto modesta quanto lapidada com rigor e afinco, a obra poética de Ismael Coutinho se desdobra em dois cadernos manuscritos, inéditos, intitulados *Bosquejos e Silhuetas*, escritos entre 1921 e 1925, quando a poesia se revela plena nos versos do jovem seminarista, antena apurada do mundo, capaz de transcender a palavra pela palavra, contando com a sabedoria de certa inocência. Eis aí, para mim, seu legado mais belo e mais próximo de mim. Sinto-me compartilhando com ele, na sua trilha, noutro tempo, mas na mesma sintonia, um mesmo destino inglório, descrito com fineza mineira por Carlos Drummond de Andrade: “*lutar com as palavras, é a luta mais vã; entanto lutamos, mal rompe a manhã*”. É desta luta, no campo da poesia, que pretendo falar, dando meu testemunho de neto, leitor e poeta.